



Qual o Papel da Formação Teórico-Política na Construção da Consciência de Classe?

What is the Role of Education Policy in Theory-Construction of Class Consciousness?

CÉSAR ALBENES DE MENDONÇA CRUZ*



RESUMO – Este ensaio tem por objetivo refletir sobre o papel da formação teórico-política na construção da consciência de classe dos trabalhadores. Partimos da constatação de que a alienação é um processo objetivo, que diariamente produz e reproduz a dominação e a exploração dos trabalhadores por parte do capital. Em outras palavras, a base objetiva da alienação é a propriedade privada dos meios de produção, que permite que a produção social seja acumulada privadamente pelos capitalistas. Nesse sentido, o primeiro passo para ensaiar a superação da alienação é a luta efetiva contra a exploração do capital, por meio dos diversos movimentos sociais, sindicais e partidos políticos construídos pelos trabalhadores. O segundo passo é o acesso à teoria de explicação da totalidade da realidade social com vistas à sua transformação, isto é, o materialismo dialético de Marx. A partir da participação dos trabalhadores nessas formas coletivas de luta, eles podem sair da esfera da alienação e caminhar no sentido de uma consciência da reivindicação ou consciência da cidadania, que pressupõe a luta pelos direitos sociais ou a luta por reformas dentro da ordem capitalista. Em certas condições e a partir da luta de classe contra o capital, os trabalhadores podem alcançar a consciência de classe, a consciência da necessidade da transformação social, da necessidade da revolução, e nessa tarefa a formação política assume um papel fundamental. Na medida em que os militantes dos movimentos sociais, sindicais e dos partidos de esquerda procuram se preparar melhor para a luta e buscam adquirir uma formação teórico-política que os ajude a compreender a sociedade capitalista e suas contradições, a tarefa da construção de uma nova sociedade se torna cada vez mais necessária.

Palavras-chave – Alienação. Consciência de Classe. Formação teórico-política.

ABSTRACT – This essay seeks to reflect on the role of training in theoretical and political construction of class consciousness of workers. We start from the observation that alienation is an objective process, which daily produces and reproduces the domination and exploitation of workers by capital. In other words, the basic objective of the sale is the private ownership of means of production, which allows the social production is privately accumulated by capitalists. In this sense, the first step to test the overcoming of alienation is the effective struggle against the exploitation of capital, through various social movements, trade unions and political parties built by workers. The second step is access to the whole theory of explanation of social reality with a view to its transformation, that is, dialectical materialism, or Marxism. From the workers' participation in these collective forms of struggle, they can leave the sphere of alienation and toward a consciousness of the claim or of citizenship, which involves the struggle for social rights, or the struggle for reforms within the order capitalist. But under certain conditions, and from the class struggle against capital, workers can achieve class consciousness, awareness of the need for social transformation, the necessity of revolution and political training in this task assumes a fundamental role. To the extent that activists of social movements, trade unions and leftist parties seek to better prepare for the fight, and seeking to acquire theoretical and political training

* Doutor em Serviço Social pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Coordenador do Mestrado em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local e Professor da Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória (EMESCAM), Vitória - ES/Brasil. CV: <http://lattes.cnpq.br/1459198997238731>. E-mail: cesar.cruz@emescam.br
Submetido em: outubro/2015. Aprovado em: novembro/2015.

to help them understand capitalist society and its contradictions, the task of building a new society becomes ever more necessary and fundamental.

Keywords – Alienation. Class Consciousness. Theoretical and policy formation.

A formação do processo de consciência de classe percorre um longo caminho, e sua formação não é linear e não acontece da mesma maneira para a maioria dos militantes. A pergunta que nos guia neste texto é: É possível que um trabalhador alienado, vivendo as relações capitalistas como relações naturais e eternas, caminhar no sentido da formação de uma consciência da necessidade de transformar esta sociedade, ou seja, no sentido da formação de uma consciência de classe, de uma consciência revolucionária? É possível ultrapassar essa forma alienada de ver e estar no mundo? Sim, é possível, e mostraremos que isso pode ser alcançado através da participação dos trabalhadores nos movimentos sociais, sindicatos e no partido político, que são mediações necessárias para percebermos que os problemas que atingem os trabalhadores são coletivos, isto é, atingem a todos de maneiras diferentes. A participação em movimentos coletivos, na nossa visão, é fundamental, e essa participação precisa contar com um processo de formação teórico-política. A formação teórico-política marxista também é essencial, pois se trata do acesso a uma teoria que nos ajude a perceber as contradições da sociedade capitalista e as possibilidades que se abrem na perspectiva de construção de uma nova sociedade, comandada pelos trabalhadores organizados. Não acreditamos que apenas a participação política nas diversas formas de luta criadas pela classe trabalhadora, e seus embates com o capital, possa levá-los a adquirir uma consciência de classe revolucionária. Nem que o acesso à teoria marxista por si só possa formar revolucionários, até por que seria uma visão idealista, de que as ideias teriam esse papel e esse poder. Acreditamos, sim, que a formação política dos trabalhadores passa primeiro pela mediação dos movimentos sociais, sindicais e dos partidos políticos socialistas e deve encontrar no aporte teórico-metodológico do marxismo seu complemento, até para que a organização e as lutas contra o capital sejam mais profundas e eficientes. A teoria possui um papel fundamental, que é de ajudar a compreender o real e conhecer o funcionamento da sociedade, suas contradições e problemas, além das experiências de lutas passadas para que a prática sobre esta realidade leve a transformações profundas, que de fato interessem aos trabalhadores. Nesse sentido, na nossa compreensão, não pode haver, por parte do proletariado organizado, nem prática revolucionária sem teoria revolucionária, nem teoria revolucionária sem prática revolucionária. A prática sem teoria pode nos levar ao espontaneísmo e ao voluntarismo; ou mesmo ao reformismo; e a teoria sem a prática nos leva ao intelectualismo ou academicismo sem ligação nenhuma com o mundo real e seus problemas. Concordamos com Marx, que na sua 11ª tese contra Feuerbach (*Teses sobre Feuerbach*) nos alerta de que “os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes; a questão porém é transformá-lo” (MARX, 2005, p.124). Vamos agora nos deter no processo de formação da consciência de classe.

Primeira Forma da Consciência – A Consciência Alienada ou o Momento Egoístico-Passional

A primeira forma de consciência se apresenta como uma forma de consciência alienada, de maneira que o trabalhador não se percebe como aquele que produz a mercadoria e que, portanto, é o trabalho combinado de inúmeros trabalhadores que produz a riqueza social. Ao não se perceber como produtor coletivo, o trabalhador não cria laços de solidariedade com os demais, isolando-se e aguçando seu individualismo, pensando que o mundo existe em função dele. O indivíduo isolado, atomizado e egoísta só pensa em seus interesses imediatos e particulares e não percebe que seus problemas são comuns aos

demais trabalhadores. Dessa forma, ele só pensa em si mesmo e não se associa e não participa de nenhum movimento social que lute pela mudança da situação vivida. O indivíduo alienado não percebe quem ele é, não se reconhece como produtor da riqueza social e não se reconhece como pertencente à classe trabalhadora, cujos interesses são contrários aos do capital. A alienação objetiva, fruto da forma de inserção do trabalhador nas relações sociais capitalistas, torna o trabalhador um estranho a si mesmo, faz com que ele não reconheça o outro como um igual e, portanto, o outro se torna uma ameaça ao invés de se tornar um aliado. A alienação, ao isolar um trabalhador dos outros, não permite que se criem laços de solidariedade, não permitindo que formas coletivas prosperem entre eles. Além de isolar o trabalhador de si mesmo, isolar os trabalhadores entre si e da vida social, isola também os trabalhadores da sua vida natural, tornando a natureza algo estranho a ele. As consequências desse processo são nefastas para o trabalhador isolado, para o trabalhador social e para a natureza, levando a um processo de destruição que atinge desde o indivíduo até as relações sociais e a vida natural.

A primeira forma da consciência, a consciência alienada, é a consciência da naturalização das relações sociais, a aceitação do mundo existente como sendo a única forma possível de sociedade. Quando então é possível ultrapassar essa forma de consciência? Só é possível iniciar a ruptura com essa forma de consciência a partir da contradição ou da percepção das contradições sociais, que ocorrem no momento de um conflito ou confronto com a ordem estabelecida. Ou seja, só pelo questionamento das situações vividas na vida social é possível romper com a alienação, embora não seja condição suficiente para sua superação em relação às outras formas de consciência possíveis. Em que momentos então podem ocorrer questionamentos sobre as situações sociais existentes? No momento de crise do indivíduo com as situações vividas até então como situações naturalizadas, ou estabelecidas dentro de uma ordenação social tida como normal. Marx e Engels descrevem esse processo em *A Ideologia Alemã* da seguinte maneira:

Quanto mais a forma normal das relações sociais e, com ela, as condições de existência da classe dominante acusam a sua contradição com as forças produtivas avançadas, quanto mais nítido se torna o fosso cavado no seio da própria classe dominada, mais natural se torna, nessas circunstâncias, que a consciência que correspondia originalmente a essa forma de relações sociais se torne inautênticas; dito por outras palavras, essa consciência deixa de ser uma consciência correspondente e as representações anteriores, que são tradicionais desse sistema de relações, aquelas em que os interesses pessoais reais eram apresentadas como interesse geral, degradam-se progressivamente em meras fórmulas idealizantes, em ilusão consciente, em hipocrisia deliberada (MARX e ENGELS, s/d, p. 78).

Segundo Iasi (2007),

As relações podem não ser mais idealizadas, são agora vividas como injustas e existe a disposição de não se submeter; no entanto, ainda aparecem como inevitabilidade: 'sempre foi assim'. Muda-se apenas o julgamento valorativo: 'sempre foram injustas', preparando-se a sentença... 'sempre serão injustas'. A primeira forma de consciência pode então ser reapresentada. É apenas em certas condições que a revolta pode se tornar uma passagem para uma nova etapa do processo de consciência. Em determinadas condições, a vivência de uma contradição entre antigos valores assumidos e a realidade das novas relações vividas pode gerar uma inicial superação da alienação. A precondição para essa passagem é o grupo. Quando uma pessoa vive uma injustiça solitariamente, tende à revolta, mas em certas circunstâncias pode ver em outras pessoas sua própria contradição. Esse também é um mecanismo de identificação da primeira forma, mas aqui a identidade com o outro produz um salto de qualidade (IASI, 2007, p. 28-29).

Podemos visualizar essa situação através do exemplo de um trabalhador que fica indignado por ter sido mandado embora do seu trabalho e busca uma solução para seu problema. Ele pode simplesmente aceitar a nova situação e se acomodar a ela, vendo o mundo como injusto e desumano; ou ele pode procurar ajuda nas formas de luta e organização existentes, como no sindicato. No sindicato ele pode começar a perceber que sua situação não é a única, pois o desemprego atinge milhares de pessoas que, como ele, passam a viver privações e ver seu padrão de vida despencar. Na sua aproximação com o sindicato, ele pode descobrir que possui direitos e passar a lutar por eles; pode até ser reintegrado na empresa e a partir daí passar a fazer parte das lutas da categoria profissional a que pertence; virar um delegado sindical e, dependendo de sua atuação e participação, pode ser convidado a integrar a próxima chapa do sindicato.

Se isso ocorrer, podemos perceber que nesse processo sua consciência passou por uma transformação muito importante: de um trabalhador alienado, individualista e egoísta, passivo diante dos acontecimentos que o cercavam, agora participa de um sindicato, ajuda seus companheiros nas campanhas salariais, nas mobilizações e greves organizadas. Mais do que isso, se interessa em acompanhar os acontecimentos econômicos e políticos, se envolve com a associação de moradores do seu bairro e se filia a um partido de esquerda que tenta mudar a situação de sua cidade. De uma consciência alienada, esse trabalhador passou pelo processo de revolta e participação em uma organização coletiva de trabalhadores de modo a ampliar sua visão de mundo, a perceber as contradições da sociedade antes não percebidas. Nesse sentido, podemos dizer que esse trabalhador passou de uma consciência alienada a uma consciência da necessidade de organização e reivindicação de seus direitos; passou a ser um cidadão no sentido completo da palavra. Assim, podemos perceber que:

- 1) É possível superar a alienação, que se apresenta sempre do ponto de vista do indivíduo isolado, egoísta e individualista;
- 2) A alienação pode não ser superada, pode ser questionada, causar revolta e voltar ao mesmo patamar de alienação, no sentido de se aceitar, do ponto de vista individual, a nova situação como também natural;
- 3) É possível a superação da alienação através de formas coletivas de organização, que mostrem a cada pessoa que seus problemas não são individuais, mas sim coletivos;
- 4) Essas formas coletivas exigem a participação dos trabalhadores, e suas ações também são coletivas e não mais individuais; nesse sentido, os trabalhadores passam de pessoas passivas diante da situação em que vivem, a participantes ativos, agentes de transformação da sua realidade;
- 5) Do indivíduo isolado, alienado e egoísta, passamos para o militante de alguma causa social, seja nos movimentos pastorais, sociais e sindicais; que percebe que a luta pela mudança social passa pela participação e envolvimento em alguma dessas formas de organização, criadas coletivamente pelos trabalhadores.

Passaremos a seguir a examinar a segunda forma de consciência, que representa em relação à primeira forma um avanço considerável.

Segunda forma da consciência – A consciência da cidadania / consciência da reivindicação, ou consciência sindicalista

A segunda forma de consciência se caracteriza como a consciência da reivindicação, a consciência dos direitos, portanto uma consciência coletiva. Neste nível de consciência se coloca a luta pelos direitos sociais, a organização em algum grupo ou movimento social e a militância por alguma causa social: o trabalhador supera a consciência alienada e egoísta e começa a perceber que a luta pelos direitos passa pela organização e mobilização permanentes em algum movimento social. O eu egoísta e individualista, da

primeira fase da consciência, é superada por uma percepção de que só coletivamente se pode avançar em direitos e benefícios sociais. Essa mediação dos movimentos sociais é fundamental porque mostra ao trabalhador que a dimensão de seus problemas não é individual, mas sim social, e por isso reclama para sua solução medidas também sociais. Assim, participar de algum grupo ou movimento social acende a possibilidade de perceber a dimensão social dos problemas vividos, a princípio como problemas individuais. A percepção de que os problemas são coletivos leva o trabalhador a participar de ações coletivas, o que tem um impacto considerável em sua subjetividade. Aquele trabalhador preso à imediatividade da vida, que só se preocupava com seus interesses imediatos, começa a ensaiar, vagarosamente e à medida de sua participação nos movimentos sociais, uma percepção de que a superação de seus problemas ganha uma dimensão histórica. Ou seja, o trabalhador avança no seu processo de consciência de que seus problemas fazem parte de uma luta que não começou com ele e que pode continuar além dele; por isso é uma luta histórica pela superação da sociedade de exploração.

Segundo Simionatto (2004),

Gramsci destaca três momentos da consciência política coletiva e ideológica das forças sociais: o primeiro é o econômico-corporativo cujas reações evidenciam 'a unidade homogênea do grupo profissional e o dever de organizá-la, mas não ainda a unicidade do grupo social mais amplo'; o segundo momento 'é aquele em que se adquire a consciência da solidariedade de interesses entre todos os membros do grupo social, mas ainda no campo meramente econômico. (...) Um terceiro momento é a fase mais estritamente política, ou fase da hegemonia propriamente dita, 'na qual se atinge a consciência de que os próprios interesses corporativos, no seu desenvolvimento atual e futuro, superam o círculo corporativo, de grupo meramente econômico, e podem e devem tornar-se os interesses de outros grupos subordinados (SIMIONATTO, 2004, p. 45).

No entanto, a segunda forma da consciência, a consciência da reivindicação, traz em si uma contradição que pode limitá-la. Ela entra em crise não quando o motivo de sua ação não é realizado, mas ao contrário: quando seus propósitos são atendidos. Uma associação de moradores tem como finalidade lutar pelas melhorias do bairro e entra em crise quando suas reivindicações são atendidas pelo prefeito. Um movimento social entra em crise quando suas reivindicações são atendidas, como, por exemplo, o MST, quando consegue a terra pela qual lutou. Um sindicato entra em crise quando suas reivindicações são atendidas parcial ou totalmente no confronto com o capital. Nesse sentido se coloca a questão: como avançar na formação de uma consciência de classe com essas formas de organização que podem ter suas reivindicações parcialmente atendidas nos marcos da sociedade capitalista? E mais do que isso: a cada nova conquista dentro dessa ordem acabamos reforçando essa sociedade que tentamos negar e destruir. Como os trabalhadores podem perceber que cada conquista pode ser a preparação de novas conquistas – além de mantê-las podemos ampliá-las?

Essas questões colocam limites à atuação dos trabalhadores nos marcos da luta pela cidadania e a ampliação de direitos dentro da sociedade do capital, pois ao conquistar algo que reivindicamos podemos nos conformar à ordem estabelecida e ressuscitarmos os mecanismos da alienação presentes na primeira forma da consciência. Como exemplos disso, podemos citar o caso do trabalhador rural que participa do MST, que se organiza e se mobiliza junto com o movimento para conquistar a terra e nela trabalhar. À medida que ele conquista a terra e começa sua produção, suas relações com a sociedade são mediadas pelas relações sociais capitalistas. Como o objetivo pelo qual ele lutava (a posse da terra) foi alcançado, ele pode parar sua luta, se conformar com os limites a ele impostos pela sociedade do capital e ser envolvido em sua lógica. Outro exemplo é o caso do trabalhador urbano, que participa de seu sindicato e luta por melhorias salariais e melhores condições de trabalho. Revoltado com a exploração sofrida no seu local de trabalho, participa das reuniões e assembleias convocadas por seu sindicato. Participa ativamente, mobiliza seus colegas de trabalho e até participa da greve convocada pelo sindicato, a fim de fazer a empresa

cumprir a pauta de reivindicação dos trabalhadores. Passada a campanha salarial e conquistada parte das reivindicações, o trabalhador volta para seu local de trabalho e se insere na lógica do capital voltando a se alienar e interiorizando as relações sociais, até a próxima campanha salarial.

Segundo Iasi (2007), isso ocorre porque,

(...) ao se assumir enquanto classe, o proletariado nega o capitalismo afirmando-o. Organiza-se como qualquer vendedor que quer alcançar um preço maior por sua mercadoria. Portanto, em sua luta revolucionária, não basta o proletariado assumir-se enquanto classe (consciência em si), mas é necessário se assumir para além de si mesmo (consciência para si). Conceber-se não apenas como um grupo particular com interesses próprios dentro da ordem capitalista, mas também se colocar diante da tarefa histórica da superação dessa ordem. A verdadeira consciência de classe é fruto dessa dupla negação; num primeiro momento, o proletariado nega o capitalismo assumindo sua posição de classe, para depois negar-se a si próprio enquanto classe, assumindo a luta de toda a sociedade por sua emancipação contra o capital (IASI, 2007, p.32).

Se nosso trabalhador urbano se limitar a participar do seu sindicato e seguir o processo descrito acima, sua consciência avança, mas continua limitada aos seus interesses enquanto filiado ao sindicato dos metalúrgicos, dos bancários, dos petroleiros, ou qualquer outra categoria profissional. Assim, a consciência se limita ao corporativismo da categoria profissional e pode ser aí paralisada, se limitando ao carreirismo e à burocratização, não avançando para uma consciência de classe. Se a consciência se cristalizar nessa fase, ela pode acabar reforçando aquilo que pretendia negar. Luckács (1989), em seu estudo sobre a consciência de classe, nos mostra que:

Na verdade, essas hesitações, e até incertezas, são um sintoma de crise da sociedade burguesa. Enquanto produto do capitalismo, o proletariado está submetido às formas de existência de seu produtor. Essas formas de existência são a desumanidade, a reificação. O proletariado é, pela sua existência, a crítica, a negação dessas formas de vida. Mas, até que a crise objetiva do capitalismo esteja consumada, até que o próprio proletariado tenha conseguido discernir completamente essa crise da reificação, e como tal, apenas negativamente ascende acima de uma parte do que nega. Quando a crítica não ultrapassa a simples negação de uma parte, quando, pelo menos, ela não tende para a totalidade, então não pode ultrapassar o que nega, como, por exemplo, nos mostra o caráter pequeno-burguês da maior parte dos sindicalistas (LUCKÁCS, 1989, p. 91-92).

Como romper a consciência sindicalista limitada no corporativismo que, embora questione as relações sociais capitalistas, acaba reforçando-as? Como o trabalhador, embora possa avançar em conquistas salariais e nas suas condições de trabalho, continue a lutar pela transformação histórica do modo de produção capitalista numa perspectiva de classe?

Seria então o partido político a mediação capaz de romper essas limitações da segunda forma da consciência e levá-la a um novo patamar, isto é, à consciência revolucionária? O partido é mais uma das organizações criadas pela classe trabalhadora para lutar contra a exploração e pela ampliação de direitos e conquistas ainda no capitalismo. Do nosso ponto de vista e como vimos caracterizando o partido político da classe trabalhadora, ele pode se constituir numa forma de organização mais ampla e com um leque de atuação política da classe para além de suas lutas específicas e imediatas. O Partido pode ter o papel de universalizar as lutas imediatas e específicas da classe (gênero, etnia, orientação sexual, ambiental, etc), mas ele pode também se adaptar à ordem do capital, se se tornar um partido que luta por reformas imediatas e não por transformações estruturais e históricas na sociedade do capital. Nesse sentido, o Partido por si só pode até reforçar o capitalismo em sua trajetória de transformação social e acabar por se

tornar um partido que, ao invés de negar a ordem, acabe por reafirmá-la. É o processo dialético da negação da negação, isto é, um partido que nasceu para lutar por uma nova sociedade, no seu processo de constituição, pode passar através de suas práticas a negar o objetivo que almejava, se transformando de um partido revolucionário em um partido reformista¹. E este processo já fora observado por Marx desde sua época (vide a *Crítica do Programa de Erfurt* e a *Crítica do Programa de Gotha*), denunciado por Lênin em *O Estado e a Revolução* e por Rosa de Luxemburgo em *Reforma ou Revolução?*. Nesse sentido, o fato de existir um Partido que se proponha a lutar pelo socialismo não garante que de fato ele permaneça nesse caminho ao longo dos anos.

Até aqui parece que estamos “num beco sem saída”, pois parece impossível a construção da consciência revolucionária ou consciência de classe. Podemos observar que todas as organizações de luta da classe trabalhadora, quando ativadas na luta contra o capital, parecem levar à classe a se adaptar à ordem estabelecida e não a negá-la. Como superar esse dilema? Voltamos à nossa pergunta inicial: é possível a construção de uma nova consciência, de uma consciência de classe negadora da sociedade do capital, consciência esta que os trabalhadores podem conseguir no seu processo de luta contra todas as formas de exploração perpetuadas pelas relações sociais capitalistas? Podemos dizer que todas as mediações até aqui apresentadas, isto é, as organizações construídas pela classe trabalhadora no seu embate com o capital (os movimentos sociais, sindicatos e partido político) são fundamentais para ajudar neste processo, embora não sejam suficientes. Qual a mediação que completaria a travessia da consciência alienada para a consciência de classe, que depende necessariamente das formas de organização e de luta da classe, e não existe sem elas; e que uma vez acessível aos trabalhadores pode potencializar todas as suas lutas?

Terceira forma da consciência – A consciência de classe ou consciência revolucionária

Sobre a terceira forma da consciência, a consciência de classe ou a consciência revolucionária, reafirmamos que não chegamos a ela sem as mediações dos diversos movimentos sociais, que ultrapassam a alienação individual para uma consciência de direitos, ou uma consciência sindicalista de reivindicação. No entanto, a prática militante precisa encontrar a mediação teórica que permita ao trabalhador caminhar no processo de consciência de classe. Essa mediação teórica é fundamental para dar coerência e unidade às ações coletivas implementadas pelos trabalhadores em seus diversos movimentos de contestação da ordem do capital. Ela só pode ser obtida pelo estudo, pela formação teórico-política dos trabalhadores em suas diversas formas de organização.

Segundo Simionatto (2004),

Esta passagem da estrutura à superestrutura, do momento corporativo ao momento ético-político, esta tarefa ‘ontológico-dialética’ de construir um novo bloco histórico, é denominada por Gramsci de ‘catarse’. ‘Pode-se empregar o termo catarse [escreve ele] para indicar a passagem do momento meramente econômico (ou egoístico-passional) para o momento ético-político, ou seja, a elaboração superior da estrutura em superestrutura na consciência dos homens’. (...) A catarse seria, assim, o momento em que a esfera egoístico-passional, a esfera dos interesses corporativos e particulares, eleva-se ao nível ético-político, ao nível da consciência universal. Constitui o momento em que o proletariado deixa de ser ‘classe em si’ e torna-se ‘classe para si’, consegue elaborar um projeto para toda a sociedade através de uma ação coletiva, cujo objetivo é criar um novo ‘bloco histórico’, conquistar a hegemonia na sua plenitude. Para chegar a esse momento ético-político, é preciso vencer o corporativismo, a visão particularista e restrita que, em nível político, desconhece os valores próprios da hegemonia e da sua perspectiva de totalidade. Somente elevando-se ao nível ético-político, as

classes sociais conseguirão dar à própria ação caracteres socialmente universais e qualitativamente integrais (SIMIONATTO, 2004, p. 45-46).

Defendemos que é tarefa fundamental das diversas organizações do campo dos trabalhadores (os movimentos sociais, os sindicatos e os partidos políticos) fornecerem aos trabalhadores este aporte teórico-metodológico do materialismo dialético ou, no dizer de Gramsci, da “filosofia da práxis”. Nesse sentido, a elevação cultural das massas assume importância decisiva nesse processo, pois a batalha cultural apresenta-se como fator decisivo no processo de luta pela hegemonia, na conquista do consenso e da direção político-ideológica por parte das “classes subalternas”. Sem este acesso à formação teórica, os trabalhadores não conseguem avançar em seu processo de consciência, na sua busca da construção de uma nova sociedade, para além do capital. Essa é uma das tarefas fundamentais das organizações de luta da classe trabalhadora: possibilitar que a espontaneidade se eduque, seja politizada, transforme-se durante a luta.

O trabalho de formação teórico-política incide sobre a da ideologia burguesa e tem por objetivo sua crítica e a compreensão do funcionamento da sociedade, suporte dessa ideologia, com vista à sua superação. A ideologia tem na alienação das relações sociais sua base objetiva, e na alienação política dos trabalhadores a base subjetiva de sua propagação. Partimos da constatação de que o marxismo não é uma ideologia do proletariado, mas um conjunto de explicações teóricas que partem da tentativa de compreensão da realidade histórico-concreta, visando sua transformação. Nesse sentido, o arcabouço teórico legado por Marx, entre outros marxistas que seguiram a tradição por ele iniciada, tenta contribuir para que a classe trabalhadora não só supere sua alienação política e se perceba como classe com interesses antagônicos aos do capital; mas, fundamentalmente, para que essa lute possa superar as relações sociais mediadas pela propriedade privada dos meios de produção que lhe dão sustentação. Assim, a seguir vamos trabalhar a relação entre ideologia e formação teórico-política.

Conclusão

A formação da consciência de classe começa com a superação da alienação, a partir do momento em que o trabalhador percebe, por meio de sua participação em movimentos sociais, que os seus problemas são comuns a outros trabalhadores e, nesse sentido, o *eu egoísta* passa a ser substituído pelo *nós solidário*, ainda ao nível do meu grupo, do meu movimento social, do meu sindicato. Através da ação coletiva contra a exploração do capital e do acesso à teoria revolucionária do proletariado, desenvolvida pelos teóricos revolucionários do socialismo, é possível avançar para uma consciência em que o *nós solidário* ultrapassa o grupo, ou movimento, o sindicato e encontra no partido político da classe seu desenvolvimento fundamental. A consciência de classe se transforma num *nós* que encontra na classe trabalhadora o seu ser para si, a sua consciência de que todos os nossos problemas podem ser superados pela organização, mobilização e formação teórico-política da classe. Nesse momento, todas as reivindicações de qualquer setor da classe trabalhadora se tornam reivindicações da classe como um todo, e eu, como trabalhador que busco o avanço de minha consciência, reconheço em qualquer luta, em qualquer lugar do mundo, uma luta que também é minha. Assim, todo o particularismo e especificidades, que antes separavam os trabalhadores em seus diversos movimentos, ganham outra conotação: de serem lutas nossas, lutas de nossa classe e, portanto, que reclamam de mim a mais profunda solidariedade e participação. Fazer da luta de cada grupo ou movimento social uma luta de todos os trabalhadores, eis o objetivo da formação da consciência revolucionária, que busca superar esta sociedade desigual, a sociedade do capital.

A formação teórico-política da classe trabalhadora é uma tarefa fundamental, pois a partir do acesso à teoria acumulada pelo proletariado através de seus pensadores e militantes revolucionários, permitir-se-á um salto na consciência destes, da necessidade da superação das relações sociais capitalistas.

Por isso, as organizações de luta do proletariado podem colaborar para esse avanço na consciência da classe. O acesso à informação que contenha uma análise da conjuntura de um ponto de vista dos trabalhadores, o conhecimento de como funciona a sociedade capitalista, as lições das experiências socialistas e o conhecimento das lutas da classe em nosso país, permitirá que os trabalhadores não só potencializem seus instrumentos de luta, como também não alimentem ilusões de que o capitalismo possa resolver os problemas humanos. A formação teórico-política pode ajudar a classe organizada a perceber a necessidade da revolução e a se preparar para esta tarefa.

Referências

- IASI, Mauro Luís. **Processo de Consciência**. 2ª ed. São Paulo: CPV. 2001.
- _____. **As metamorfoses da consciência de classe**. O PT entre a negação e o consentimento. São Paulo: Expressão Popular. 2006.
- _____. Reflexões sobre o processo de consciência. In: **Ensaio sobre a consciência e emancipação**. São Paulo: Expressão Popular. 2007.
- LUCKÁCS, G. **História e Consciência de Classe**: estudos de dialética marxista. 2 ed. Rio de Janeiro: Elfos. Porto. Portugal: Escorpião. 1989.
- MARX, Karl e ENGELS F. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo. 2008.
- _____. **A ideologia alemã**. Vol. I e II. Lisboa/Portugal: Martins Fontes. s/d.
- _____. **A Sagrada Família ou a crítica da crítica contra Bruno Bauer e consortes**. São Paulo: Boitempo. 2003.
- _____. Manifesto de lançamento da Associação Internacional dos Trabalhadores. In: **Obras Escolhidas**. vol. 1. São Paulo: Alfa-Ômega. 1988.
- MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo / Campinas: Unicamp. 2002.
- _____. **A teoria da alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo. 2006.
- SIMIONATTO, Ivete. **Gramsci**: sua teoria, incidência no Brasil, influência no Serviço Social. 3 ed. Florianópolis: UFSC. São Paulo: Cortez. 2004.

¹ Na realidade brasileira, após a ditadura militar, a construção do PT foi a tentativa de levar a classe trabalhadora rumo à construção do socialismo. No entanto, ao enveredar pela via eleitoral, este partido foi lentamente optando pelo reformismo, se amoldando à ordem capitalista. Neste processo, ao invés de fortalecer a classe trabalhadora através dos movimentos sociais, populares e sindicais, o PT passou a nutrir-se deles, instrumentalizando-os ao seu serviço, à serviço da eleição de seus parlamentares. Ao mesmo tempo, o governo Lula acabou controlando esses movimentos sociais, tentando evitar que a luta de classe se manifestasse, que as contradições aflorassem na sociedade. Cf. o livro de IASI, Mauro Luís, *As Metamorfoses da Consciência de Classe. O PT entre a negação e o consentimento*. São Paulo: Expressão Popular. 2006. Neste livro, o autor realiza uma análise lúcida da trajetória do PT e mostra como este partido nasceu contra a ordem capitalista e, no seu desenvolvimento, acabou se conformando a ela.